

Diversão & Arte

Fotos: Divulgação



Tony Ramos, Glória Pires, Cleo e Rafael Infante comandam o terceiro filme da franquia *Se eu fosse você*

APÓS 20 ANOS, A FRANQUIA SE EU FOSSE VOCÊ
RETORNA EM SEU TERCEIRO FILME COM TONY
RAMOS, GLÓRIA PIRES, CLEO E RAFAEL INFANTE

TROCA DE PELE E DE HUMOR

» MARIANA REGINATO

Um dos grandes clássicos da comédia brasileira, *Se eu fosse você* abre mãe da guerra dos sexos e busca o lugar da empatia. Nos filmes de 2006 e 2009, Cláudio, personagem de Tony Ramos, e Helena, personagem de Glória Pires, trocam de lugar e precisam entender o que é calçar os sapatos do outro. Depois de 20 anos, a franquia retorna com *Se eu fosse você 3* com adições de Cleo e Rafael Infante no elenco.

Na nova trama, Cláudio e Helena vivem uma nova fase, ao lado de sua filha Bia (Cleo Pires) que é casada com Aquiles (Rafael Infante). Mas, dessa vez, o raio cai pela terceira vez e coloca Bia e Aquiles para entenderem o que é estar na pele do outro.

Glória Pires comenta que foi uma alegria participar dessa continuação. "Foi uma honra poder ver a realização desse projeto que estava numa fila há tantos anos, desde que lançamos o segundo. A gente sabe o tanto que é difícil colocar de pé um projeto no audiovisual, então é uma grande honra trazer novamente essa história com novos contornos e estar ao lado da minha filha nesse projeto", comenta.

Para Tony Ramos, a realização do novo filme foi uma surpresa. "Nós sempre dissemos que não tínhamos nada contra uma continuação, mas quando uma franquia dá tão certo é importante você ter uma boa história para continuar. Sem uma boa história, não há um bom filme, nem uma boa peça, é fundamental. A equipe foi buscando uma história e vinte anos depois, essa história ressurge de uma forma inovadora com Rafael e Cleo. Quando dá certo, os donísios agradecem e a gente agradece", brinca o ator.

Cleo, que interpreta a filha do casal, destaca que Glória sempre a deixou muito livre e não costuma dar muitas dicas de atuação. "Eu acabo aprendendo por osmose com a minha mãe, tanto no set quanto fora. Aprendo coisas muito caras com ela e que, às vezes, as pessoas não percebem tanto. Minha mãe sempre teve uma preocupação muito



**Glória Pires
e Tony
Ramos
retornam
a famosa
franquia**

grande em ser pontual, em respeitar o horário e o momento dos outros. Isso é uma coisa que eu tento sempre levar para mim", relata.

Para Cleo, existiu uma dificuldade em virar outra pessoa no projeto, mas ficou muito feliz por ter passado no teste do filme. “Eu sempre fui muito mal em teste porque fico muito nervosa. Dessa vez, não sei se foi a maturidade, mas eu já estava bem mais tranquila. Tinha o texto na ponta da língua e deixei rolar na hora. Foram dois testes, um com o Rafael e outro com outro ator. Eu já era muito fã do Rafa então tudo culminou, um conjunto de coisas que eu queria muito, foi como um sonho realizado. Um sonho que eu nem sabia que tinha”, destaca.

nao que eu nem sabia que tinha. Rafael Infante, que interpreta Aquiles, ressalta que existiu uma grande concentração e nervosismo para se aproximar de uma franquia de grande sucesso. "Tinha uma pressão no melhor dos sentidos e uma responsabilidade nesse caminho que não é exatamente representar, mas tentar viver aquilo de verdade. Você quer algum tipo de assinatura que demonstre que você está virando outra pessoa. É um abismo esquisito, você não quer exagerar mas quer mostrar que está acontecendo uma mudança. A gente também buscou trazer muito do que tem nos dias atuais, do que é ser um homem ou uma mulher nos dias de hoje.

Há diversão no caos

» RICARDO DAEHN

Um filme que fala sobre cinema e sobre a feitura da sétima arte, com potencial de comunicação junto a público diversificado: assim alardeia parte da equipe da comédia nacional *Morte e vida Madalena* (do cearense Guto Parente), em cartaz, às 18h30 (de hoje), no Cine Brasília (EQS 106/107). “A gente fez um trajeto muito longo. Estreamos em julho de 2025 no Festival Internacional de Cinema de Marseille (França), com uma ótima recepção, fomos premiados, estreamos, no Brasil, no Festival de Cinema de Brasília”, observa a protagonista

do filme, a atriz e dramaturga Noá Bonoba. Na tela, ela encara a personagem grávida que viu o pai morrer, enquanto, como produtora de cinema, nota intermináveis tropeços na feitura de novo filme.

"A gente mostra como que é um set de cinema, com todos os perrengues, sem romantizar, mas de uma forma leve, de jeito engraçado, trazendo debates e levantando uma homenagem ao cinema", destaca a atriz. Para Noá, *Morte e vida Madalena* surge num momento em que as pessoas começam a se interessar por cinema. "O público brasileiro começa a aprender a gostar do próprio cinema, infelizmente, depois de uma legitimação estrangeira; porque foi assim que aconteceu: anteriormente, havia sido ensinado a odiar o próprio cinema", avalia Noá Bonoba.

As sensações de humanidade e de coletividade no set representado pelo filme de Guto Parente motivaram discussões, pelo que conta Noá, nome à frente do alargamento de oportunidades para pessoas trans e travestis. “Desde 2015, viemos com o movimento de ver pelo menos pessoas trans ocupando os lugares de interpretação de personagens trans. E o que acontece no Madalena é um procedimento de casting muito raro, e que precisa cada vez mais acontecer: ter uma atriz travesti interpretando uma mulher cisgênero”, pontua Noá Bonoba.

A artista conta do orgulho de ver capacidade, currículo e singularidade para interpretar Madalena valorizados, como indicou uma conversa com Guto. "Temos sofrido com retrocessos em torno de conquistas de pessoas trans em que, anteriormente, havíamos avançado. Esse é o panorama. A gente tem vivido muita dificuldade, mas trans continuam se capacitando. Estamos dentro do mercado de trabalho, e não vamos sair", acrescenta.

Divulgação



Morte e vida Madalena: filme estreia, depois de passagem pelo Festival de Brasília